TL 7193

Conselho Nacional da Resistencia Maubere-CNRM
Conselho Executivo da Luta/Frente Armada-CEL/FA

Nas montanhas da Patria ocupada, 21/12/95

Querido Companheiro e Irmão:
Fihireno

Recebí a Sua última mensagem, a gravada, dirigida ao Sabalae já nos finais de Novembro, no momento em que nos preparávamos para arrancar para Liquisa, indo materializar o plano de actividades que Lhe apresentei em Setembro/Outubro.

Pelo facto, não podia responder-Lhe imediatamente para além de que os assuntos levantados na Sua msg já tinham sido respondidos por mim nas msgs anteriores, mas essencialmente na última, com data de 20 de Outubro/94.

Por isso mesmo, se lhe respondo hoje é mais para aclarar algums aspectos que julgo merecerem mais esclarecimento mas, sobretudo, para reconhecer peramte Si os meus erros e a minha disposição plena de os corrigir para melhor servir a Luta.

Porém, antes de começar, queria enviar-Lhe e também a todos os irmãos que partilham consigo essas celas prisionais as mossas mais calorosas saudações combativas e um fortíssimo abraço muito prolongado de saudades. de todos nós!

Não vos mando boas festas do natal e nem vos desejo feliz ano novo necessas celas prisionais, muito embora o natal se nos aproxima e o ano novo se nos avizinhe também. Para mim, enquanto os javameses permanecerem ocupando a mossa Tera, não haverá lar, não haverá alma em TL que possa festejar estas festas num ambiente de tranquilidade, espontaneidade e Paz. Essa paz tantas vezes evocada em cada ano em Timor-Leste onde a realidade de um mundo delicerado de guerra fazem afastar as esperanças por uma paz real tornam um sonho muito distante, num mundo que não existe. Talvez fosse contra tudo, mas Deus me oiça a voz, pois Natal de paz nesta terra de sangue seria insultarmos o mosso Povo, um natal de liberdade num mundo de oprimidos, num mundo de injustiças é um autentico gozo, querido Irmão.

Alguém me pediu para dirigir uma msg do Natal à comunidade timorense no exterior mas fiz-me de surdon por essas razoes.

Vou passar a responder as diversas questões postas por Si, melhor dito, vou responder as suas críticas que as recebo com total disposição, pois para mim isso não é mais que uma chicotada de apoio para a minha própria formação. Haverá alguém que não goste muito disso mas eu aceito-as porque me são úteis, na medida em que me ajuda a ultrapassar algumas das várias dificuldades que eu atravesso.

1-Parto por reconhecer que cometi erros ao fazer declaracoes estrambolicas, ridículas, pouco reflectidas.

Não faço auto-críticas solemes, não faço promessas a ninguém. Apenas exijo de mim mesmo esforço de correcção, vontade de aprender com outros companheiros e com os meus próprios erros, evitando cometer

mais erros ~~no futuro~~. ou os mesmos erros no futuro porque não poderei evitar novos erros na medida que o problema de dirigir é complexo e muito difícil, sobretudo.

Só a minha prática futura poderá testemunhar o grau do meu esforço de correcção, favorecendo a coesão e solidez da nossas estruturas e a autoridade da Direcção da Luta nas diversas vertentes da nossa resistência, em particular, a vertente diplomática.

1.a-Na verdade agora venho a reconhecer que as minhas declarações a respeito da Representação externa no CNRM. foram pouco reflectidas. Mas ainda não compreendo bem se o estrambolismo das minhas declarações se situavam também noutros aspectos como o problema de financiamento, a imprescindibilidade da Sua participação no diálogo/negociações ou se situa também na declaração do de cessar-fogo ou se é apenas no primeiro aspecto.

Quanto ao primeiro ponto, reconheço, sim, que as minhas declarações ajudaram apenas os opositores do CNRM a ter asas para voar e coloquei não só o irmão RH como todos os companheiros, seus colaboradores directos em apuros. E não só, mas sobretudo, desanimei-os ou provoquei-lhes mal-estar generalizado.

Mas persitem-me algumas preocupações que julgo pertinentes resolvê-las. É que vejo a existência de estruturas paralelas da resistência no exterior. A UDT e a DEF não se integram no CNRM.

E não afirmo isso sem bases. Muito recentemente, pela RDP internacional, o Sr. Presidente da UDT, João Carrascalão disse não pertencer o CNRM e não pretenderá sê-lo. A DEF se distância do CNRM muito embora o faça discretamente. O irmão RH fala em terceira força f[illegible] política e João Carrascalão afirma que está-se tentando desviar do verdadeiro carácter, da verdadeira natureza do CNRM!

Posso entender mal o carácter, a natureza do CNRM mas uma coisa e clara: O apartidarismo do CNRM como estrutura nacional abrangente que Comanda a luta. Se é uma terceira força política, penso que somos nós que estamos criando obstáculos para uma maior integração.

Continuo, por tudo isso, sustentando que e necessário definir-se o estatuto orgânico do CNRM.

1.b-Quanto ao financiamento penso não ter cometido um grande erro. Existe insensibilidade da comunidade timorense no exterior face aos nossos sofrimentos.

Eu penso que o meu mal foi em não ter sabido agradecer a generosidade dos companheiros integrantes do CNRM no exterior. Mas não disse que o irmão RH nunca nos mandou dinheiro. Sempre reconheci as dificuldades que eles atravessam e até disse que o problema de assegurar a sobrevivência das FALINTIL parece ser apenas da responsabili- esclusiva do CNRM.

Apontei com insistência na insensibilidade dos nossos compatriotas no exterior. Não disse taxativamente que o CNRM não nos apoiava. Mas disse que estávamos semdo abandonados, e não me arrependo de ter dito isso. Afirmo isso a chorar, não de pena mas de nervos.

Estamos sendo exterminados, vamos continuando a morrer extemminados como condição indispensável para libertarmos a nossa Pátria comum, para que os nossos irmãos no exílio possam um dia regressar a Pátria vivos. E companhias inteiras estão reduzidas a 10/15 homens. E enquanto a guerra durar, desaparecerão de certeza, não porque nos faltassem homens, mas armas. Homens, temos a mais. Em qualquer altura asseguro que posso fazer sair homens, a quantidade que fôr preciso. Estou preparando condições para fazer seguir aos centros e ponta homens. Estão muitos no "esconde-esconde", pedindo-me sempre para irem ou aos centros ou a Ponta já que aqui não dispomos armas. Eles próprios reconhecem isso.

As dificuldades aumentam dia-após-dia, registando sempre novas situações. embaraçosas. Não falando de armas e munições, a questão logística é um problema que se encara agora em todo o país. O repovoamento que reduz as zonas de recursos naturais, os próprios recursos naturais que desaparecem com o andar dos tempos, etc. levam-nos a recorrermos o apoio da população, cujas dificuldades o irmão é sobejamente conhecedor.

Um facto novo que se regista é o seguinte: Aqui, na fronteira norte a guerrilha não pode sobreviver sem o apoio popular, em termos absolutos. Não há recursos naturais, já percorri tudo menos Balibó. Estive em Atabae, em Loes, em Kailaku, em Hatolia parte de Bobonaro/NW. Embora haja pequenos espaços para as nossas manobras militares, a nossa capacidade é limitada para albergarmos mais 100 homens (e é a Região que constitui uma fonte de recurso humano) pois só podemos recorrer ao apoio popular para nos reabastecer. Apoio popular esse que não poderá ser garantido a longo prazo por causa das represálias do inimigo quando descobertos ou como resultado dos nossos combates. As experiências adquiridas nos centros e em todo o território nacional desde 80/81 para cá nos fazem prever isso. E quando isso acontecer, ou teremos que assaltar casas ou fazer compras através de vias que estamos preparando para responder à essas situações. E não tardará que isso aconteça porque temos que combater, vamos combater.

E tendo em conta tudo isso e que fiz declarações estrambólicas ridículas mas queria com isso mexer um bocado o fundo do poço, agitando as suas águas paradas. E volto a repetir, não me arependo de ter dito essas coisas todas que provocaram um mal-estar. Não temos armas para lutar, não temos munições para combater, para nos defender pelos menos dos ataques do inimigo, ao menos que nos apoiem com algumas migalhas que lhes sobram ou que lhes caem da boca para retardar a nossa extermminação, já que nos é impossível evitar. E de todo o lado os guerrilheiros me escrevem, colocando isso. Esse punhado de homens que tem uma grande admiração e respeito por Si, que confiam em Si e depositam, digo apostam em Si, na Sua libertação como a condição indispensável para a libertação da nossa Pátria. Eu diria, aliás sempre afirmei isso, da Sua libertação, da solução da Sua situação dependerá os destinos da nossa Pátria. Sim, Irmão, essa é a minha convicção pessoal e a minha esperança. E triste mas e essa a realidade! [redacted] uma realidade que nos forçam [redacted]

gulhosos por sabermos oferecer a Pátria o que temos de melhor de nós mesmos, as nossas próprias vidas!

2-Quanto a contactos com estrangeiros e declaraçoes por vídeo, sinceramente Lhe confesso que hoje fico envergonhado de mim mesmo, das minhas limitaçoes extremas mas, isso de limitaçoes, pode parecer justificativas inaceitáveis. Melhor eu deveria dizer, actuei aom muito espontaneismo, sem reflexoes profundas, era a animosidade que estava no fundo de tudo isso misturado com algum infantilismo que reconheço, apesar de não ter sido apontado.

Nao pretendo colocar-me em bicos-de-pé para me comparar ao irmão RH e muito menos a Si! Vivia momentos perguntando-me se eu deveria continuar a assumir as minhas responsabilidades ou se era melhor passar para outros companheiros mais capacitados. Autêntico, Irmao! E com toda a franqueza que Lhe colo isso. Se decidí assumir a liderança interna (e não a global) era porque o vazio temporário deixado pelas vossas capturas sucessivas forçaram-me a assumir tal decisão. Mas mesmo assim se nos pudessemos ter reunido na altura, eu teria votado pela eleição do Ruak, aliás, numa carta minha ao irmão RH, logo depois da Captura do Ma'Hunu propús isso mesmo!

Quero com isso dizer-Lhe que reconheço os meus erros com consciência. Portanto não foi pelo gosto, pelo orgulho de me mostrar ser alguém ao mundo é que aceitei contactos d com estrangeiros. ou fazer declaraçoes por vídeo, fazendo-me de palhaço. Quanto a declaraçoes por vídeo, com excepção do contacto com a Jill Jollyffe, fí-las a pedido do nosso irmão RH. Aceitei contactos com estrangeiros porque era e e uma preocupação de todos nós, aqui no mato inclusive o irmão Sabalae, recorrermos a solidarieddde internacional. Com excepção ao encontro com Marx Staal, os restantes encontros tiveram sempre do consentimento do irmão Sabalae. O meu erro foi o de não saber reflectir, medir as minhas palavras e aqui reconheço a minha falta de tacto diplomático.

Eu creio que o problema veio à tona com vinda da Jill. Esta realmente deturpou em parte as minhas declaraçoes e se eu soubesse da sua postura, não teria aceitado. Mas.. "era uma orientação superior", nas palavras do irmão Sabalae quando, afinal, o orgulhoso Salar Kosi estava -nos embrulhando à todos // Nisso AA ganhou. E mais quando ela se negou a revelar as minhas críticas frontais ao AA e a "reconciliação" na entrevista escrita pois na gravada ela não fez referência a nada. Aqui reconheço ter erradm também, tinha várias oportunidades para atacar o AA na gravação e não fiz e pior ainda foi da sua imprescindibilidade de participação no dialogo sem mencionar o papel do irmão RH.

Penso com isso ter explicado os meus erros neste aspecto.

3-Quanto a "declaracão do cessar-fogo unilateral" penso ter-Lhe já informado as razoes que me levaram a fazê-lo.

Mas francamente desejo informar-Lhe que embora assumisse total responsabilidade do erro, não-filia sem o conhecimento de outros irmaos. Pràticamente informei a todos com antecedência e o irmão Sabalae até me insistiu na sua realização. So o Lere não o comuniquei pessoalmente

Sempre estivemos preparados para o combate pois sabíamos que o inimigo nunca iria aceitar a oferta nossa. Ninguém estava autorizado a encontrar-se com os indonésios, esta foi a orientação para todos. A única pessoa à quem os indonésios devem apntactar é o nosso líder máximo, o Irmao portanto. Mas tudo isso passou e aprendo dos meus erros, submetendo-me as Suas directivas sem hesitação e com disciplina. Cometerei novos erros mas prometo não voltar a repetir esse erro, de carácter estrategico, da Sua exclusiva competência.

Peço, porém, que definisse os limites da nossa actuação e aguardo Suas instrucoes. Por esses factos, julgo que um regulamento funcional do CNRM e indispensável.

4- Não desempenhei um papel de destaque nas ultimas acções de protesto da nossa heroica juventude. Fê-lo o Sabalae e os nossos jovens e reconheco e louvo os esforços dispendidos. Aprecio com admiracao os exitos obtidos.

Fiz uma msg comemorativa, procurei de forma a evitar que os Padres venham a saber dos nossos objectivos e disse que não haveria nada, que a manifestação seria o nosso silêncio, aliás, fiz referência a isso na msg mas também fiz entender que não podíamos estar de braços cruzados a assistir as cenas indonesias. O AMD pediu-me logo se haveria algo e disse-me que o "cessar-fogo uniteral" só expiraria segundo o prazo, talvez preocupado com possíveis acções nossas. Pode parecer que eu esteja inventando as coisas, tanho aqui arquivado o bilhete deste.

Enquanto dizia ao AMD que nao haveria nada, dizia ao irmão Sabalae que fizessem algo e provaram eles todos muita audácia e capacidade de mobilizacão.

Em dois encontros que tive com os da UNTIM em Kailaku, desafiei-os a desencadear accoes de protesto e eles me asseguraram que iriam provar pelos seus actos e provaram.

De "7 de Dezembro" tive e tenho o controle total. Apoiei a juventude no que podia e continua a apoiá-la no que posso.

De "Kablake" a falha foi da Direcção regional da juventude. Tinham crrca de 500 jovens preparados para o acto mas não cumpriram as minhas orientações, anteciparam, actuando descoordenamente o que lhes custaram a captura de cerca de 200 e tal sem fazer nada absolutamente e depois perdi o controle.

Daqui, de "1975" não estava em condições de mobilizá-los. O irmão Maputo/Vesteve cá primeiro mas estava em adaptação.

Nestes dias tenho tido alguns contactos com os jovens. As primeiras impressões são boas, encorajadoras; são jovens que se apresentam prontos às ordens, é o que vejo mas deparo também com dois problemas importantes: o primeiro é o facto de estarem intimamente ligados ao "homem de vestes brancas" da localidade de que é natural e não conheço ainda o irmão, a sua disposição de aceitar manifestações. É me difícil separar porque os responsáveis estão com ele e acompanham-no em tudo. O segundo está nos responsáveis da ODIR. No contacto que tive com eles percebí das suas manifestações exterioeres que não desejam manifestações, não dese-

jam confrontos, desejam trabalhar "na coexistência pacífica". É um problema sério que encaro.

Vou ter mais um outro encontro com os jovens, essencialmente o responsável para vermos se poderemos fazer algo para apoiar o dia 9 de Janeiro ou a passagem do ano.

No documento "análise da situação e planeamento" procurarei tecer mais algumas considerações. Mas talvez será tarde a sua apresentação, porque no mínimo preciso de me encontrar com o Sabalae. E as condições de passagem estão sendo difíceis. Mas estou/estamos esforçando-nos para isso.

5-A situação política daqui é animadora, embora existisse muita actividade da intel também. e é preciso discernirmos.

Para a população, a presença da guerrilha é um motivo político mobilizador. Durante mais de 10 anos sem a presença da guarrilha, sem contacto com a Direcção, elas consideram-nos como o verdadeiro como autênticos "batar fini" pelo qual dão todos os cuidados.

Mas isso não será uma coisa permanente porque teremos que combater e vamos combater e as massas terão que provar novas situações, incluindo a morte por causa das represálias do inimigo.

Há muita gente que quer passar para as fileiras da RA. A saída dos primeiros é um motivo muito forte.

Porque prevemos represálias do ocupante no futuro a presença da guerrilha aqui é um assunto que constitui matéria das nossas agitações. Estamos preparando moral e psicologicamente para enfrentar futuras represálias do inimigo que irão inevitavelmente suceder depois desta situação de aparente calma, sem confronto armado. Estamos fazendo ver que uma situação de confronto armado entre a guerrilha e o inimigo, o que é inevitável, os indonésios tentarão cortar pela raiz o apoio popular à guerrilha, optando dois métodos: a primeira é o desmantelamento geral, utilizando a violência do crime, da injustça. A segunda seria a violência das armas acompanhadas de uma campanhã de psicológica pela intensificação das actividades da INTEL. As experiências adquiridas ao longo dos anos 79/80 até hoje advertem-nos a prudência.

Com tudo isso queria dizer-Lhe que estamos preparando-nos para iniciarmos a luta armada aqui. Não sei o que dará mas estamos prontos para tudo.

Os objectivos, melhor dito, o objectivo principal que me levou até aqui, pelos dados que estou recolhendo através das pessoas directamente ligadas parece não oferecer as perspectivas que eu via em Kailaku. Entretanto tudo não está perdido. Existem ainda esperancas de conseguirmos por outras formas, incluindo a mão armada. Vamos segotar todos os nossos esforços para conseguir algo.

E tudop por hoje!

Termino desejando-Lhe e tambem a todos os irmãos das celas longa vida e boa saúde! Um demorado abraço de todos vós à todos!

Seu Irmão

Mark

Lafu